

Baptista, A. M. (2004) – A arte paleolítica no rio Sabor. *Tribuna da Natureza*, 18, Porto: FAPAS, p. 6

TRIBUNA DA NATUREZA

a vida selvagem nas quatro estações • ano 5 nº 18 Primavera 2004

SABOR AMARGO?...

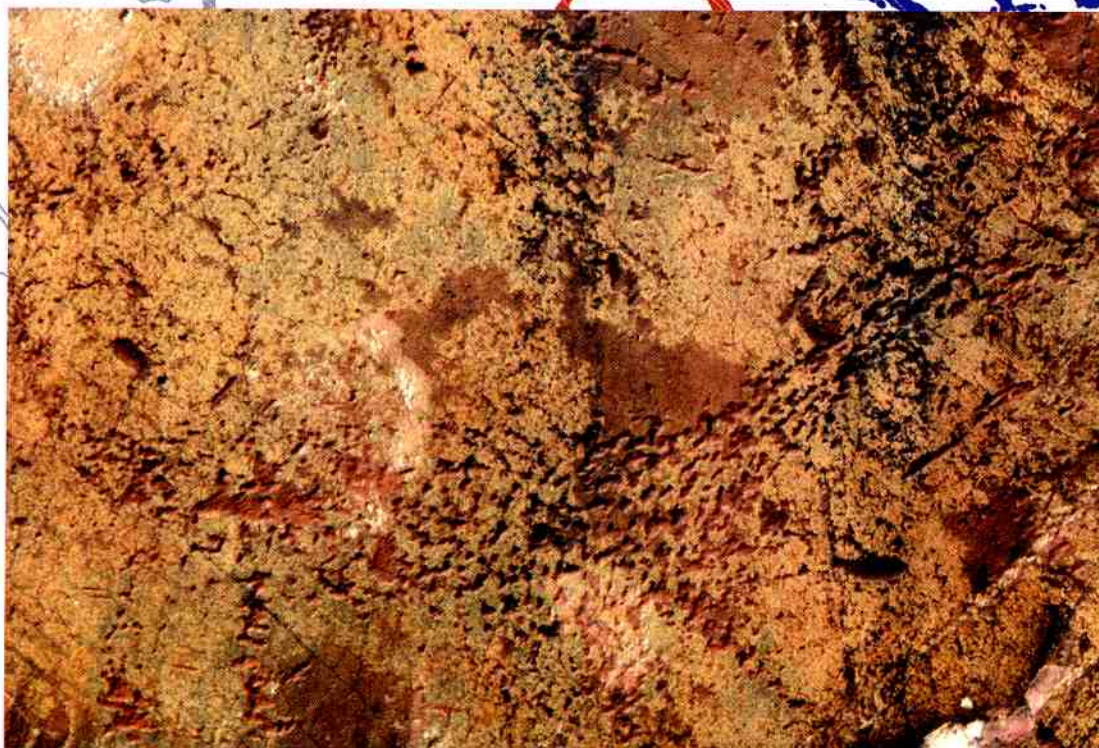
A ARTE PALEOLÍTICA NO RIO SABOR

TEXTO • António Martinho Baptista Director do Centro Nacional de Arte Rupestre
DESENHOS E FOTOGRAFIA • CNART

Quatro sítios com gravuras claramente paleolíticas, em locais distintos e afastados entre si no rio Sabor, parecem demonstrar ser este curso fluvial, ainda de uma beleza agreste e avassaladora, um prolongamento natural do ciclo rupestre pleistocénico do Côa.

Com um traçado sinuoso e cavado, rasgado num vale ora encaixado ora curvando em largos meandros ladeando amplos terraços (alguns de formação pleistocénica) característicos dos rios de montanha, o Sabor não foi ainda objecto de uma cuidada e exhaustiva prospeccção arqueológica especificamente orientada para a detecção de arte rupestre.

Isso não impede que aqui se conheçam já algumas das mais importantes estações de arte pré-histórica aqui identificadas em Trás-os-Montes. Para além de algumas gravuras neolíticas, como o veado



Veado neolítico do sítio do Cabeço do Aguilhão

em painel de xisto perto do Cabeço do Aguilhão, recentemente identificado e já este ano estudado pelo Centro Nacional de Arte Rupestre, destacam-se os quatro sítios com a típica arte paleolítica de ar livre da «escola» do Côa.

São eles:

1. O auroque da Ribeira da Sardinha, primeira gravura paleolítica identificada na região do Sabor, no âmbito dos trabalhos de estudo de impacte arqueológico do aproveitamento hidro-eléctrico do Baixo Sabor, um trabalho de prospeccção realizado na segunda metade da década de 90, e que, a ser construída essa barragem, ficará irremediavelmente submerso.

2. A Fraga Escrevida (Paradinha Nova, Bragança), uma superfície xisto-grauváquica disposta na vertical, há muito identificada por Francisco Manuel Alves, Abade de Baçal. Ora este painel, na base da sua estratigrafia figurativa e sob um razoável conjunto de gravuras cruciformes e antropomórficas mais recentes, escondia afinal um fundo pré-histórico muito mais antigo, nomeadamente um auroque gravado por raspagem e abrasão, quase em tamanho natural. É a maior das gravuras paleolíticas transmontanas.

3. Os três importantes painéis nas fragas xisto-grauváquicas de Sampaio (Milhão, Bragança), perto da ponte medieval de Valbom, junto ao traçado do IP 4. Um as representações de três auroques picotados, de razoáveis dimensões, um dos quais com duas cabeças, este localizado num fragmento de rocha há muito partido.

4. E finalmente, o mais notável destes quatro sítios, um abrigo parcialmente derruído, junto à foz da Ribeira do Pousadouro (Grijó de Parada, Bragança), com um excelente conjunto de gravuras picotadas e abradidas e algumas incisivas, onde predominam as representações de equídeos e cervídeos. Dos quatro núcleos é o único que não é monotemático.

Estes três últimos sítios foram identificados pelos arqueólogos da delegação do IPA de Macedo de Cavaleiros, cujo trabalho de prospeccção e sistematização da arqueologia desta região transmontana merece o nosso realce e o nosso aplauso.

Quer o estilo, quer a técnica de gravação, quer o ordenamento dos motivos no espaço historiado, aqui sendo de destacar a típica disposição ilusória das sobreposições no abrigo da foz do Pousadouro «à maneira» dos gravadores do Côa, ligam estes quatro sítios do Sabor à fase antiga (Gravettense) da Arte do Côa.